

O VALE DO PARAIBA NA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Pesquisa impressa abordada e distribuída amplamente no XIII Encontro do IEV em Resende e Itatiaia em 1996, pelo autor.



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. Natural de Canguçu-RS foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 e comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990.

Esta trabalho foi digitalizado para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br o original no acervo da FAHIMTB, doado a AMAN em Boletim Interno e a ser integrado no Programa Pérgamo de bibliotecas do Exército

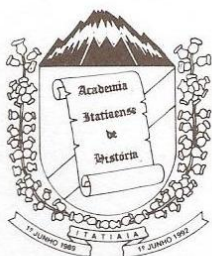
XIII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA

A Presença do Militar no Vale do Paraíba Resende e Itatiaia -3 a 5 de julho de
1996

Conferência no dia 3 de julho nas Faculdades
D. Bosco em Resende

O VALE DO PARAÍBA NA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Pelo Cel Claudio Moreira Bento
Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil



ACADEMIA ITATIAENSE
DE HISTÓRIA



ACADEMIA RESENDENSE
DE HISTÓRIA



**PRESENÇA MILITAR NO VALE DO PARAÍBA
O VALE DO RIO PARAÍBA DO SUL
NA
HISTÓRIA MILITAR BRASIL 1565-ATUALIDADE**

Coronel Cláudio Moreira Bento (x)

É indiscutível a importância estratégica e geopolítica crescente do Vale do Paraíba, atravessado pelos mais importantes eixos terrestres ligando as capitais São Paulo-Rio de Janeiro-Belo Horizonte-Brasília, vértices do Quadrilátero do Póder Nacional. A importância militar do vale veio num crescendo, desde que atravessado pelos caminhos Velho e Novo de escoamento do ouro de Minas para o Rio e, continuada com o Ciclo do Café, ao longo do Paraíba, por cerca de meio século, ao que se seguiu longo período de estagnação, por esgotamento de suas terras pelo café, quando, de 1893-1932, ele foi alvo de domínio, ou de trânsito, por forças revolucionárias para depor o Governo no Rio. Nesta fase de industrialização do Vale, a partir de Volta Redonda, a mãe da industrialização do Brasil, se impõe um estudo retrospectivo ceítico da sua História Militar, quando análistas preevêm, em uturo próximo, a união no Vale do Paraíba das duas mega capitais Rio e São Paulo. Estudo pelos militares brasileiros interessados e responsáveis por sua a segurança e, dentro de nova dimensão da História Militar, por lideranças civis para que, isolando os fatores que concorreram para confrontos armados ou os preveniram no Vale, os utilizem, se necessário, para a segurança crescente da área, ao mesmo tempo que as forças encarregadas de sua segurança contribuam, como tem contribuído, para o desenvolvimento social da área valeparaibana. E disto que o presente ensaio se ocupará como uma espécie de moldura de aprofundamento no tema em foco, ao mesmo tempo que sugerindo temas para osE neste contexto o Vale do Paraíba seria seguramente palco de confronto bélicos violentos entre governistas e, revolucionários ao mando do gen Gumersindo Saraiva. Os revolucionários foram detidos na Barreira de Itararé e refluíram para o Sul face a ameaça representada pela Esquadra Legal organizada na emergência em Recife, com navios de guerra adquiridos pelo governo nos EUA, Inglaterra e Prússia.

Os navios revoltosos cruzador auxiliar Iris e a torpedeira Marcílio Dias atuando no litoral paulista, dominavam o mar e ameaçavam as localidades de Ubatuba, Caraguatatuba e porto de São Sebastião que atacaram e controlaram algum tempo. Face a possibilidade de com

apoio de simpatizantes cortarem a ferrovia São Paulo- Rio isolando-as por completo, já que as haviam isolado por mar, o governo tomou diversas medidas preventivas. Foram guarnecidos os pontos críticos da ferrovia, especialmente em São José dos Campos, Taubaté, Caçapava, Guará e Lorena. São José dos Campos destacou-se no envio de contingentes para a defesa do litoral, passagens na serra do Mar e, inclusive para a Barreira de Itararé. A tensão no Vale paulista só teve fim depois de a Esquadra Legal assumir o domínio naval do litoral paulista ao atingir Santos em 8 abr 1894. Análise que procedemos deste evento em São Paulo demonstra a excelente experiência adquirida por São Paulo e colocada a serviço da Revolução de 32. Criatividade e engenhosidade! (29).

Em 29 jun 1895, 6 meses após deixar a presidência da República faleceu a vista do rio Paraíba, na Fazenda Paraíso, em Floriano atual, em Barra Mansa, o Marechal Floriano Peixoto que passou à história como o Marchal de Ferro e o Consolidador da República. A sua ação firme e decidida que lhe custou a saúde e até a vida, verdade seja dita, deve o Vale do Paraíba ter sido poupado dos horrores da Guerra Civil na Região Sul, hoje tratada como a Revolução de Bárbaros, Maldita e da Degola pelos padrões de violência inauditos de ambos os lados, o que até hoje divide parte da família sulina entre pica paus e maragatos. (30) Após esta revolução e revolta o Vale do Paraíba passou a proteger mais a ferrovia guarnecendo com unidades do Exército pontos estratégicos do Vale que articulam o litoral com passagens na Mantiqueira para Minas.

O Vale do Paraíba na Revolução de 1924

Em 5 jul estourou em São Paulo uma revolução objetivando dali irradiar-se para o Rio e lá depor o presidente Arthur Bernardes que, entre outras coisas havia reprimido de forma inusitada os tenentes revolucionários de 1922 no Rio e Mato Grosso. Prisioneiro na Ilha Grande o ten Odylio Denys perdeu a saúde e foi enviado preso para o atual Centro de Recuperação do Exército em Itatiaia. Conseguiu evadir-se da Ilha Grande o ten Edmundo Macedo Soares. Fugiu para a Europa onde por sua conta cursou Siderurgia e Metalurgia, do que o Brasil se aproveitou mais tarde para que construísse a Companhia Siderúrgica Nacional no Vale do Paraíba a mãe da industrialização do Brasil.

O plano revolucionário previu o lançamento fulminante de uma força para dominar o Vale, inclusive contando com apoio de simpatizantes das unidades de Caçapava e Lorena. Mas falharam os planos e uma das primeiras medidas para o governo combater a revolução foi fechar o Vale à expansão revolucionária em Mogi das Cruzes onde, progressivamente, concentrou fortes efetivos que terminaram forçando os revolucionários a deixar São Paulo rumo ao Paraná onde se uniram com revolucionários gaúchos, dando origem a célebre Coluna Prestes que, sempre, em suas andanças épicas desbordou amplamente o Vale. Entre os revolucionários em São Paulo os tenentes Eduardo Gomes, herói dos 18 do Forte de Copacabana em 1922 e atual patrono da Força Aérea e Juarez Távora

As Forças Armadas no Vale do Paraíba do Sul

Até o início deste século as forças terrestres no Vale do Paraíba foram constituídas pelos Bandeirantes que foram substituídos pelas Ordenanças, até 1796 (3ª linha) e Milícias (2ª linha) como tropas Auxiliares da Justiça e da Fazenda e comandadas pelas pessoas de maior representação local. Em caso de guerra as Ordenanças se encarregavam da segurança local e as Milícias poderiam ser usadas em combate em apoio a Tropa paga (1ª linha) (1).

De 1776-1831, as Ordenanças foram absorvidas pelas Milícias que cederam lugar, em 1831 à Guarda Nacional que teve muita expressão política, econômica e social no Vale entre os barões do *café* que eram os seus principais chefes. A Guarda Nacional subordinada ao Ministério da Justiça foi extinta em 1918 e as polícias militares estaduais passaram à categoria de tropa auxiliar do Exército, o qual, no início deste século começou a guarnecer pontos estratégicos do Vale tendo como pioneira nesta ocupação no início deste século a Fábrica de Pólvora de Piquete, no centro de gravidade do Triângulo do Poder (São Paulo-Rio-Belo-Horizonte). Instalação protegida por unidade de Infantaria em 1902 em Lorena, com o reforço de 1918-21, do 4º BE Cmb (atualmente em Itajubá) que aquartelou no quartel da Infantaria e depois na Fazenda Amarela próximo de Piquete(2).

O Exército deu assim prioridade ao vale paulista e depois ao vale mineiro ao sediar, em Juiz de Fora, na proteção do eixo Rio-Minas, 2 batalhões de Infantaria de 1919-32.

Faleceu em 1909 no Rio, na Tragédia da Piedade, o valeparaibano, glória de Cantagalo, Euclides da Cunha, engenheiro militar que servira em Lorena e autor de *Os Sertões* focalizando a Guerra de Canudos em 1897, que a história vem apontando como uma tragédia inominável em que brasileiros integrantes do Exército e policiais militares foram lançados pelo Poder Político e, desinformados, num encontro fratricida contra irmãos brasileiros. Responsabilidade política que a História vem atribuindo aos presidentes da Bahia e do Brasil (um vice presidente no exercício interino da Presidência) e filhos da Bahia, cenário deste sangrento confronto. Apurar estas responsabilidades é o que se espera de uma análise histórica isenta dentro da nova dimensão da História que estuda os mecanismos que detonaram o confronto para que conhecido das lideranças brasileiras elas previnam tragédias semelhantes como a em foco. Estudo que deverá proceder a um julgamento sereno e justo pelo Tribunal da História do valeparaibano de Pinda cel Moreira César, chefe da 3ª Expedição a Canudos onde encontrou seu fim, depois atuação polêmica como governador de Santa Catarina ao fim da Guerra Civil 1893-95, sobre o qual pesam acusações de fuzilamentos sumários etc.

Em 1919 Caçapava recebeu a 1ª tropa, a 7ª Cia de Metralhadoras, absorvida em 1922 pelo glorioso 6º RI-Bandeirantes que representou e honrou o Vale, na Força Expedicionária Brasileira e ao qual se rendeu, em Forno, uma Divisão Alemã. (3).

A organização pioneira do Exército no vale fluminense foi o CRI, em Itatiaia atual, em 1922 e, então, Sanatório Militar de Itatiaia, destinado a cura de integrantes do Exército atingidos por tuberculose e seguindo indicações do Barão Homem de Meio, valeparaibano ilustre de Pinda, ex-presidente do Rio Grande do Sul que auxiliou o gen Osório na mobilização do 3º Corpo de Exército para a Guerra do Paraguai, ex-Ministro da Guerra, orador na inauguração do CMRJ e historiador consagrado 1º biógrafo do general Andrade Neves (4) e que morreu em 1918, a esquerda da ponte entre o CRI e a cidade de Itatiaia, colhido pela Gripe Espanhola com avançada idade. Às suas informações se deve em parte a localização do CRI há cerca de 74 anos. A construção da CSN atraiu para Barra Mansa a localização de uma unidade de Infantaria Blindada que há pouco foi deslocada para a Amazônia. - "O Batalhão do Aço".

A Academia Militar das Agulhas Negras idealizada em 1930-32, construída de 1938-44 e iniciada a funcionar em 1º março 1944, no 74º ano do término da Guerra do Paraguai, faz meio século que é presença marcante no Vale do Paraíba, com expressiva repercussão através de seu Magistério, no ensino médio e superior no médio Paraíba e inclusive através de seu batalhão de Comando e Serviços onde, anualmente, levam e levam de valeparaibanos

prestam o Serviço Militar Obrigatório, na relevante tarefa de ajudar a formação dos oficiais do Exército Brasileiro. (5)

No pós II Guerra Mundial a Aeronáutica passou a ter efetiva presença no Vale através do Centro Técnico da Aeronáutica em 1946, em São José dos Campos e, em 1950, da Escola de Especialistas da Aeronáutica, em Guará. Instalações de grande projeção na industrialização e manutenção Aeronáutica no Brasil(6). A inauguração da Rodovia Dutra em 1950, conferiu maior importância estratégica ao Vale do Paraíba, tanto que em 1959 sediou em Lorena o QG da 2ª Divisão de Exército. Em 1964 a Dutra foi duplicada e pouco depois foi criado em Caçapava o QG de uma Brigada de Infantaria Motorizada. O norte fluminense foi contemplado com uma unidade de Infantaria em Campos e Pinda sediou o 2º Batalhão de Engenharia de Combate, a Engenharia do Comando Militar do Sudeste. A Guarnição de Juiz de Fora desde 1919 foi o principal guarnição do Exército em Minas datando de pouco o deslocamento da 4ª Divisão de Exército para Belo Horizonte.

Coroando a presença militar no Vale, Taubaté passou a sediar nos anos 80, (7) a única Brigada de Aviação do Exército, a base de helicópteros, e no passado foi um. entros

Evolução da presença militar no Vale do Paraíba

O devassamento militar do Vale iniciou por volta de 1565 com João Ramalho, que atuou contra índios valeparaibanos que ameaçavam São Paulo, tendo levado Anchieta como intérprete.

Assim, por volta de 1600 o Vale já havia sido explorado por Bandeirantes, servindo Taubaté de centro irradiador das Bandeiras para o Vale do São Francisco e Nordeste, como para Fernão Dias e Borba Gato, hoje denominações históricas de unidades do Exército em Pouso Alegre e Pinda (2º BE Cmb). A Bandeira equivalia na Doutrina Espanhola a uma parte ou banda de um Terço e correspondia a Companhia de um Regimento, nome que substituiu o Terço. A Banda de Música é um vestígio da denominação Bandeira como uma fração, parte ou banda de um todo. (8).

A descoberta do ouro em Minas obrigou que mineradores passassem pelo Vale do Paraíba, bem como o ouro a caminho dos portos do Rio de Janeiro. Inicialmente pelo Caminho Velho (ou dos Guanás), Rio-Parati, por mar e Parati-Cunha (Vila Facão) - Guará-porto Paicaré (no Paraíba)-garganta do Embaú (na Mantiqueira) - Minas, por terra. Por este caminho, forte de 2700 homens (700 brancos e 2000 índios) transitou rumo as Minas, em 1597, Martim Correia de Sá, filho do governador do Rio de Janeiro.

Depois de cerca de 100 anos de uso deste caminho, foi aberto o Caminho Novo (ou de Garcia Rodrigues Pais, filho de Fernão Dias) que atingia direto da baía de Guanabara às Minas Gerais através de Paraíba do Sul, local onde Garcia Rodrigues, que abriu o caminho, estabeleceu sua propriedade que serviu de base para a conquista e colonização da região em torno, disputada de armas na mão com índios que habitavam a região. (9).

Nos meses de set/out 1709 o Vale, entre São Paulo e Guará, assistiu ai desfile de ida e de retorno, de uma expedição militar hierarquizada, forte de 1300 homens divididos em companhias de Infantaria e piquetes de Cavalaria, ao comando de Amador Bueno, visando a uma vingança da derrota imposta a paulistas pelos Emboabas no Capão da Traição. Face a reação encontrada no rio das Mortes retornaram depois de renhidos combates. Os Emboabas foram avisados em tempo da expedição pelo governo do Rio. (10).

irradiadores

de

Bandeiras



Em 1710, quando da invasão de Du Clerc do Rio de Janeiro, valeparaibanos de Taubaté e Guará se armaram e desceram ao litoral fluminense para lutar contra o invasor, o que causou grande alegria no rei de Portugal que agradeceu em carta o gesto. (11)

O Vale entre Guará e Paraíba do Sul, passagens para Minas ainda continuavam inexplorados. Assim, em 1740 o bandeirante Simão da Cunha Gago, ten cel do Terço (Regimento) de Ordenanças de Mogi das Cruzes - Jacareí, partindo das minas em decadência de Ayuruoca na Mantiqueira, descobriu Resende atual que batizou de N.S. Aparecida do Campo Alegre da Paraíba Nova, com o sentido, segundo concluo, de mais uma passagem complementar a de Paraíba do Sul, no rio Paraíba e de acesso ao litoral. Nesta época se constituia um problema a solução de um caminho, o mais curto possível, para fazer chegar o ouro descoberto em Cuiabá ao Rio, sem os azares de um percurso marítimo. Foi proibido estender este caminho até o litoral, para prevenir o descaminho do ouro. Esta é a nossa interpretação! (12).

Em 1765 São Paulo retornou a ser capitania e suas forças militares foram reorganizadas, cabendo ao Vale as seguintes forças:

O 2º Corpo de Cavalaria Ligeira de Guaratinguetá e Vilas do Norte de Serra Acima com 384 homens distribuídos por quartéis em Guará, Facão(Cunha), Pinda, Taubaté, Jacareí, Mogi das Cruzes e o 4ºCorpo de Infantaria de Guaratinguetá e Vilas do Norte de Serra Acima com 390 homens e quartéis em Guará, Lorena (então Piedade), Pinda, Taubaté, Jacareí, Mogi das Cruzes. (13).

Parte destes milicianos integraram a Legião de São Paulo que foi enviada ao sul para participar da expulsão dos espanhóis da vila do Rio Grande, tendo lá chegado depois de sofrerem baixas por uma epidemia de bexigas deste São Paulo até Porto Alegre onde a maioria morreu e, junto com paulistas do Regimento de São Paulo foram lá sepultados, drama que resgatamos na pesquisa "A participação de São Paulo e Paraná na Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul 1763-77" (14).

A região do sertão do Campo Alegre, em torno de Resende prosperou rápido atraindo muito migrantes que ali receberam terras. Índios ferozes, os Botocudos, vindos de Minas, começaram a talar as propriedades dos colonos e a maltratar os Puris que habitavam o local. O vice rei enviou para Resende atual o capitão Francisco Xavier Curado, do atual Regimento Sampaio, para organizar militarmente os moradores e fazendeiros e expulsar os Botocudos causando-lhes o menor mal e só assustando-os o que de fato ocorreu. O cap. Curado aldeou os Puris na Fumaça atual e distribuiu-lhes terras. Curado como marechal foi a peça chave no esquema militar que sustentou a decisão de D. Pedro de ficar no Brasil e, a seguir, na pressão militar que resultou no embarque da Divisão Auxiliadora para Portugal ao comando de Avilêz. (15)

Em 1785 foi concluída a ligação do Caminho Novo aberto entre São Paulo e Rio, tornando possível viajar-se por terra entre as 2 cidades e, abrindo uma nova fronteira de colonização. Obra em cuja direção atuarem militares das Ordenanças e Milícias. (16)

O café plantado em Resende (17), em pouco se espalhou por todo o Vale. O desenvolvimento contribuiu para que fossem criados a vila e município de Resende em 1801, pelo 13º vice rei o conde de Resende e fundador do ensino acadêmico militar nas Américas e do ensino superior civil no Brasil, ao criar na Casa do Trem, em 1792, a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho (18). Foi donatário de Resende o cel Fernando Dias Pais Leme, bisneto do bandeirante Fernão Dias e neto de Garcia Rodrigues Pais que abriu o

Caminho Novo Rio- Minas e que durante a invasão dos franceses ao Rio, em 1710-11, transportara o tesouro do governo, para lugar seguro na Mantiqueira. Como recompensa foi-lhe assegurado o direito de fundar uma vila numa passagem do rio Paraíba, tendo o seu neto herdeiro deste direito escolhido Resende. O cel Fernando lutara no sul na Guerra Guaranítica 1752-56, integrando o 2º RI (O Novo) do Rio. Entre os povoadores de Resende, gaúchos veteranos ou filhos de veteranos das guerras no Sul, como os Barretos, os Gomes Jardim, os Marques de Souza e os Escobar etc. (19).

Em 1822 o Vale do Paraíba foi percorrido a cavalo pelo príncipe D. Pedro, com destino a São Paulo onde, em 7 setembro proclamou a Independência do Brasil em presença de sua Guarda de Honra, expressivamente constituída de valeparaibanos. Durou 12 dias sua viagem, com pernoites em: Santa Cruz (atual caserna do 1º BE Cmb), São João Marcos e hoje sob a água de represa (5 ago), Bananal (16 ago), Areias (17 ago), Lorena (18 ago), Guará (19 ago), Pinda (20 ago), Taubaté (21 ago) e onde se incorpora à Comitiva do príncipe a Guarda de Honra), Jacareí (22 ago), Mogi das Cruzes (23 ago), Penha (24 ago) e São Paulo (25 ago) (20)

A revolta de Manoel Congo em Vassouras

Em 1838, a partir de uma revolta de escravos numa fazenda na região de Vassouras, autoridades policiais locais, sob a liderança de um ancestral de Carlos Lacerda, reprimiram a revolta que culminou com a morte do líder dos escravos Manoel Congo. Por volta de 1932 o jovem Carlos Lacerda publicou obra que dava como tendo reprimido a revolta o Duque de Caxias e, então, cel comandante da atual PMRJ. Esta colocação foi muito explorada como um

demérito para o maior de nossos generais. Pesquisas levadas a efeito pela OAB-Rio de Janeiro provaram que Caxias não teve nenhum envolvimento na repressão e que apenas se deslocou até Vassouras para uma avaliação da possibilidade de envolver escravos a serviço da Fábrica de Pólvora da Estrela, o que teria negativa repercussão na segurança do Brasil, por ser a única que existia. Esclarecemos este fato em Simpósio do 1EV em Petrópolis, retificando o que erradamente constava no livro do então jovem Carlos Lacerda. (21) que se vivo retificaria seu equívoco.

O Vale do Paraíba na Revolução de 1842

A Revolução de 1842 estourou em Sorocaba em 17 mai e decorridos 14 dias ela estourou em Lorena, quando faziam 9 dias que Caxias havia chegado em São Paulo e se coberto face ao norte, nas localidades valeparaibanas de Mogi das Cruzes e Jacareí.

Força lançada de Lorena, forte de 400 homens, cerrou sobre Silveiras, ao mundo do ten Anacleto Pinto, para depor a maior autoridade local, o cap Manoel José da Silveira que se protegeu com 60 companheiros em seu sobrado e atual Casa Paroquial. Ali apresentou memorável e comovente resistência até que aceitou render-se sob promessa de garantia de vida. Segundo Aluizio de Almeida (22) ao cap Silveira “sair desarmado, mal apontou na porta, foi fuzilado inerte, caindo morto com a cabeça esfacelada. Foi jogado na rua e arrastado até sua fazenda, com a barriga rasgada e partidos todos os seus ossos e num estado lastimável.”

O Império subordinou à Província do Rio por 3 meses e 13 dias, de 18 jun 29 ago, as vilas paulistas de Guará, Lorena, Cunha (ex vila Facão), Queluz, Silveiras, Areias e Bananal, cabendo a repressão nesta área paulista à polícia militar fluminense e da Corte. E, inclusive o combate de Silveiras na região atual de Trincheiras travado das 11 as 15 horas de 12 jul, entre 120 policiais (Permanentes) do Rio e 500 homens, em maioria, escravos ao mando do ten Anacleto. O choque foi feroz e cruento do que resultaram 50 mortos, dos quais 46 revolucionários. Foi uma expedição vingadora do linchamento do cap Silveiras e que a

desinformação, manipulação política da História, tem atribuído ao Duque de Caxias, cuja não participação indireta e direta, neste episódio esclarecemos em comunicação ao XII Simpósio do IEV em Paraíba do Sul.

Resende, sob a liderança do cel GN Fabiano Pereira Barreto, (23), comandante superior da Guarda Nacional da região e presidente da Câmara e neto de um dos conquistadores da Fortaleza de Santa Tecla em Bagé, em 1776, impediu a ligação dcis revolucionários fluminenses e paulistas e cooperou com suas forças valeparaibanas em Conselheiro Lafayette (ex-Queluz) com Caxias, na pacificação de Minas (24).

O líder revolucionário fluminense foi Joaquim de S. Breves senhor de 6.000 escravos e dono de 20 fazendas, como a de Piraí, uma fazenda-fortaleza com muralhas e, a Esperança, ex do Banco e hoje - patrimônio da AMAN.

Atuou no vale um batalhão policial de Fuzileiros o Provisório nº 1, cujas tropelias tem sido tributadas em obras publicadas aos Fuzileiros Navais, consagrando-se aos poucos a mentira e a calúnia como verdades.

Nesta oportunidade Caxias percorreu de volta ao Rio todo o Vale do Paraíba pelo Caminho Novo, o mesmo percorrido pelo príncipe D. Pedro em 1822. Com a Revolução de 42 em .Minas o Império agiu rápido recorrendo à Guarda Nacional de Valença, Vassouras, Paraíba do Sul e depois de Resende que fecharam a fronteira Minas- Rio ao ocuparem Rio Preto e Jacutinga, chegando ameaçar cercar revolucionários em Barbacena, ocasião em que estes destruíram ponte sobre o Paraibuna. Valeparaibanos precederam a marcha de Caxias e outros o acompanharam em sua viagem de 12 dias Rio-Ouro Preto, sobre o itinerário valeparaibano VassourasParaiba do Sul-Paraibuna, de 27 jul-8 ago.

A Guarda Nacional idéia nascida na Câmara de São Paulo e cujos postos deviam ser preenchidos por eleição, após esta revolução se torna política o que marca o início de sua decadência e incompetência para a Defesa Nacional, menos no Rio Grande do Sul.

No Vale, os candidatos a ela para prevenir-se que revolucionários de 42 a ela tivessem acesso, era obrigatório que nas propostas constasse; É amigo da ordem e da Monarquia Constitucional! “Exemplo de recusa de um valeparaibano candidato à Guarda Nacional: “Foi um dos mais encarniçados corifeus da rebelião de 1842, sua casa serviu de QG dos desordeiros e até hoje sustenta as mesmas idéias. É homem perigoso para se lhe confiar emprego na presente guarda e não pode merecer confiança do governo”.

A Guarda Nacional de cidades mineiras revolucionárias foi suspensa. Em Taubaté a Guarda Nacional demitiu revolucionários e passou longo tempo sem recompletá-la. Mereciam destaque os que foram mais leais ao governo em 1842. Em Mogi das Çmzes duas propostas: Contra indicação - “o fulano ao tempo da rebelião de 1842 ocultou-se após haver dado parte de doente e nenhum serviço prestou e até se tornou suspeito.” “Proposta positiva - O sicrano ao tempo da rebelião marchou de pronto para cidade na ocasião em que foi convocado”. Isto mostra a decadência logo no início desta instituição que tornou-se por outro lado anti-Exército e só foi extinta em 1918 pelo presidente Wenceslau Braz. (25).

O Vale do Paraíba e a Guerra do Paraguai

Houve intensa mobilização de Voluntários da Pátria no Vale do Paraíba. Resende por exemplo mobilizou 250 homens que foram adestrados no Campo do Manejo de Tropas, planície onde se desenvolve o grande bairro do Manejo (na época). Eles, levando uma bandeira do Brasil entregue por senhoras resendenses, viajaram via fluvial até as pontas dos trilhos da ferrovia em Piraí. Entre os Voluntários destacou-se sobretudo Antoninho Bilheteiro,

avô do historiador e escritor paulista falecido Paulo Duarte e, que de soldado, por valor e bravura, atingiu o posto de capitão com honras de major, secretariou um Corpo de Exército e ao final foi recomendado por Caxias para ser Tabelião de Franca. Se destacaram na mobilização o cel Fabiano Barreto, comandante superior da Guarda Nacional e o dr. João Maia, presidente da Câmara e historiador de Resende (26).

Em 7 de maio 1879, junto a margem esquerda do Rio Paraíba, na Fazenda Santa Mônica, em Juparanã (ex-Desengano), em Valença, onde passara os últimos 2 anos de sua vida, faleceu o maior de nossos generais, o Duque de Caxias e atual Patrono do Exército Brasileiro (27) de cuja espada invicta de 5 campanhas os espadins dos cadetes da AMAN são cópias fiéis em escala, arma privativa dos mesmos e símbolo da Honra Militar. (28) e, o ouro do braço da AMAN, por detrás das Agulhas Negras representa o sol que brilhava em Iitororó, o maior momento de Caxias como líder de combate, lançando-se sobre a ponte de espada em punho e bradando “Sigam-me os que forem brasileiros!” E todo o Exército detido o seguiu e foi conquistada a histórica passagem.

O Vale do Paraíba na Guerra Civil 1893-95 e Revolta na Armada em 1893-94 no litoral paulista até 8 abril 1894

Em 1893 estourou no Rio Grande do Sul a Guerra Civil 1893-95 e em 6 de setembro do mesmo ano a Revolta na Armada que em conjunto, a partir de São Paulo, pretenderam depor o presidente constitucional do Brasil pelo ordenamento jurídico vigente. que irão ter grande influência no cenário nacional. (31)

E neste contexto o Vale do Paraíba seria seguramente palco de confronto bélicos violentos entre governistas e, revolucionários ao mando do gen Gumersindo Saraiva. Os revolucionários foram detidos na Barreira de Itararé e refluíram para o Sul face a ameaça representada pela Esquadra Legal organizada na emergência em Recife, com navios de guerra adquiridos pelo governo nos EUA, Inglaterra e Prússia.

Os navios revoltosos cruzador auxiliar Iris e a torpedeira Marcílio Dias atuando no litoral paulista, dominavam o mar e ameaçavam as localidades de Ubatuba, Caraguatatuba e porto de São Sebastião que atacaram e controlaram algum tempo. Face a possibilidade de com apoio de simpatizantes cortarem a ferrovia São Paulo- Rio isolando-as por completo, já que as haviam isolado por mar, o governo tomou diversas medidas preventivas. Foram guarnecidos os pontos críticos da ferrovia, especialmente em São José dos Campos, Taubaté, Caçapava, Guará e Lorena. São José dos Campos destacou-se no envio de contingentes para a defesa do litoral, passagens na serra do Mar e, inclusive para a Barreira de Itararé. A tensão no Vale paulista só teve fim depois de a Esquadra Legal assumir o domínio naval do litoral paulista ao atingir Santos em 8 abr 1894. Análise que procedemos deste evento em São Paulo demonstra a excelente experiência adquirida por São Paulo e colocada a serviço da Revolução de 32. Criatividade e engenhosidade! (29).

Em 29 jun 1895, 6 meses após deixar a presidência da República faleceu a vista do rio Paraíba, na Fazenda Paraíso, em Floriano atual, em Barra Mansa, o Marechal Floriano Peixoto que passou à história como o Marchal de Ferro e o Consolidador da República. A sua ação firme e decidida que lhe custou a saúde e até a vida, verdade seja dita, deve o Vale do Paraíba ter sido poupado dos horrores da Guerra Civil na Região Sul, hoje tratada como a Revolução de Bárbaros, Maldita e da Degola pelos padrões de violência inauditos de ambos os lados, o que até hoje divide parte da família sulina entre pica paus e maragatos. (30) Após esta revolução e revolta o Vale do Paraíba passou a proteger mais a ferrovia guarnecendo com unidades do Exército pontos estratégicos do Vale que articulam o litoral com passagens na

Mantiqueira para Minas.

O Vale do Paraíba na Revolução de 1924

Em 5 jul estourou em São Paulo uma revolução objetivando dali irradiar-se para o Rio e lá depor o presidente Arthur Bernardes que, entre outras coisas havia reprimido de forma inusitada os tenentes revolucionários de 1922 no Rio e Mato Grosso. Prisioneiro na Ilha Grande o ten Odylio Denys perdeu a saúde e foi enviado preso para o atual Centro de Recuperação do Exército em Itatiaia. Conseguiu evadir-se da Ilha Grande o ten Edmundo Macedo Soares. Fugiu para a Europa onde por sua conta cursou Siderurgia e Metalurgia, do que o Brasil se aproveitou mais tarde para que construísse a Companhia Siderúrgica Nacional no Vale do Paraíba a mãe da industrialização do Brasil.

O plano revolucionário previu o lançamento fulminante de uma força para dominar o Vale, inclusive contando com apoio de simpatizantes das unidades de Caçapava e Lorena. Mas falharam os planos e uma das primeiras medidas para o governo combater a revolução foi fechar o Vale à expansão revolucionária em Mogi das Cruzes onde, progressivamente, concentrou fortes efetivos que terminaram forçando os revolucionários a deixar São Paulo rumo ao Paraná onde se uniram com revolucionários gaúchos, dando origem a célebre Coluna Prestes que, sempre, em suas andanças épicas desbordou amplamente o Vale. Entre os revolucionários em São Paulo os tenentes Eduardo Gomes, herói dos 18 do Forte de Copacabana em 1922 e atual patrono da Força Aérea e Juarez Távora

Mais uma vez o Vale do Paraíba foi poupado de ser cenário de confrontos bélicos, sorte que não tiveram os paulistanos que muito sofreram com o confronto bélico violentíssimo dentro da capital.

O Vale do Paraíba na Revolução de 1930

A Revolução estourou vitoriosa desde o início em 3 de outubro em Porto Alegre, com a conquista do Quartel General da 3ª Região Militar e prisão de seu comandante (32). E vitoriosa ela chegou até a Barreira de Itararé na divisa Paraná- São Paulo. E ali governistas e revolucionários concentraram grandes efetivos para uma grande batalha que não houve, graças a intervenção de oficiais generais, sob a liderança do gen Augusto Tasso Fragoso, pai da História Militar Crítica do Brasil (33). Sugeriu a renúncia do presidente Washington Luiz que ao recusar foi preso e conduzido ao Forte de Copacabana com a proteção do cardeal Leme. Demarches decidem pela entrega do governo ao dr Getúlio Vargas, líder da Revolução que, de 30-31 outubro atravessou o Vale de trem, aclamado nas estações valeparaibanas. Mais uma vez o Vale do Paraíba foi poupado das consequências de um confronto bélico.

Um dos objetivos da Revolução foi a criação de uma moderna Escola Militar. Assim, em 1931, o cel José Pessoa acompanhado de seu ajudante-de-obras cap Mário Travassos, já consagrado geopolítico, chegaram via rodoviária em Resende onde escolheram o local da atual AMAN. Escolha que foi confirmada no ano seguinte na Estação Ferroviária de Resende, QG do Destacamento do Exército do Leste, por promessa do presidente Vargas. À revolução de 30 penso se deva o Parque Itatiaia, a AMAN e a CSN (34).

A revolução de 1932 no Vale do Paraíba
O Vale do Paraíba até então, em que pese a sua imensa importância geopolítica e estratégica, como rota obrigatória entre São Paulo, regiões Sul com o Nordeste e Oeste até então fora poupado de confrontos bélicos. Mas em 9 jul 1932 estourou em São Paulo a Revolução de 1932 que envolveu o Vale do Paraíba paulista no maior confronto interno ocorrido no Brasil, terrestre e aéreo, entre revolucionários e governistas. Do lado revolucionário a liderança militar coube a 2 expoentes do Exército, com curso na Alemanha e co-fundadores de A Defesa Nacional, o general reformado Bertoldo Klinger (35) e o cel Euclides Figueiredo (36) sendo este ex-chefe do Curso de Cavalaria da Missão Indígena da Escola Militar do Realengo

1919-21. Do lado governista a liderança aqui no Vale caberia ao general Aurélio Goes Monteiro, comandante do Destacamento do Exército do Leste, grande estudioso de Napoleão, que chefiara no campo militar a Revolução de 30 (37) e, apoiado por unidade aérea ao comando do maj. Eduardo Gomes, herói do Episódio dos 18 do Forte de Copacabana em 1922. O Vale do Paraíba entre Barra Mansa e Guaratinguetá foi o cenário ou frente principal de uma revolução com muitas frentes e os paulistas os principais protagonistas desta epopéia. Os revolucionários lançaram ao longo do Vale na direção do Rio a 2 DIO (Divisão de Infantaria de Operações) ao comando do cel Euclides, em 2 destacamentos a cavaleiro da antiga rodovia Rio-São Paulo e da ferrovia Rio-São Paulo. Para enfrentá-la foi organizado no Rio, com apoio da P RM, o Destacamento do Exército do Leste do comando do gen Goes Monteiro. Quartéis gerais funcionaram sucessivamente em Bana Mansa-Resende-Cruzeiro. Foi apoiado por unidade de aviação que teve por base o atual Campo de Paradas da AMAN (38). Os revolucionários em seu avanço atingiram Formoso na rodovia, e Salto na ferrovia. Ao tentarem progredir no Rio de Janeiro chocaram-se com governistas no Clube do 200, na rodovia e em Itatiaia atual, onde ocuparam por 20 dias Engenheiro Passos, ameaçando Resende de cuja Estação Ferroviária o governo dirigiu as operações. Um desbordamento bem sucedido pela Serra do Mar obrigou um retraimento revolucionário para Queluz (39). Cruzeiro foi alvo de intenso bombardeio da Aviação e Artilharia governista. Vila Queimada foi bombardeada com canhões navais sobre vagões e respondido pelos revolucionários como canhão 155 de Itaipú sobre vagão. Os revolucionários em Silveiras apresentaram memorável resistência, impondo um revés ao 19º BC. E as vitórias se alternaram até 12 set, retirada revolucionária para Jataí.

No tunel da Mantiqueira, os revolucionários apresentaram resistência épica com gestos de heroísmo recíprocos. Só cederam sob ameaça pela retaguarda de tropas lançadas de Resende. A Fábrica de Pólvora de Piquete caiu em poder da Revolução. A unidade de Caçapava aderiu ao movimento. A de Lorena através de medidas protelatórias conseguiu um atraso da revolução no eixo ferroviário. No início de setembro a revolução mantinha a linha PIQUETE-TUNEL-PINHEIROS-LAVRINHAS-JATAÍ. A queda de Cachoeira Paulista obrigou um recuo dos revolucionários para posições adrede preparadas por mão de obra civil para a linha GUARATINGUETÁ. A cobertura face ao litoral em Cunha, retraiu sob pressão de Fuzileiros Navais, para a Serra Quebra Cangalha. No fim de setembro era insustentável a revolução no Vale. Os governistas possuíam superioridade inquestionável. Foram reforçados com expressivos contingentes nordestinos e sulistas. Toda a resistência revolucionária se concentrou em Guará. Em 27 setembro quando governistas se preparavam para uma ofensiva geral o Governo determinou uma estabilização da frente para negociações do que resultou uma Convenção que constava entre outras considerações: Reconhecimento da extraordinária persistência e bravura com que se bateram os paulistas e devolução dos revolucionários presos. Valeparaibanos do norte fluminense integrando a Coluna Gweir lutaram na frente mineira no tunel da Mantiqueira. (40)

Tratamos com mais detalhes desta revolução em palestra em Cruzeiro no 60 anos de sua eclosão. (41). Foi o maior confronto bélico até agora ocorrido no Brasil e a única batalha aérea até agora travada em nosso território. Foi mais um confronto fratricida brasileiro com características de Tragédia Grega em que as partes possuem razões, que, em consequência desaguam num impasse que só a solução armada pode definir. Hoje a História Militar desenvolve outra dimensão. Ou seja estudar os conflitos armados para isolar os fatores determinantes de suas eclosões para que de posse dos líderes eles procurem evitar a solução armada. E esta revolução a maior entre nós e que teve o Vale como cenário e riquíssima em lições e meditações aos soldados e estadistas brasileiros.

A batalha aérea no Vale na Revolução de 1932

O campo de Paradas da AMAN serviu de aeródromo para o Grupo Misto de Aviação ao comando do major Eduardo Gomes e ponto de partida para ações reas contra os revolucionários no Vale. Utilizaram como campos avançados os de Cruzeiro e Lorena. O Grupo Misto, com base em Resende, realizou 665 missões em 1043 horas de vôo (42). Ficaram na tradição local os aviões chamados popularmente Vermelhinhos (Os Waco C.S.O.). A aviação revolucionária teve por base o Campo de Marte, em São Paulo, em posição central em relação as demais frentes e integrada por muitos oficiais do Exército que aderiram ao movimento e onde se destacou o futuro brigadeiro Lysias Rodrigues, geopolítico de expressão. Foram apodados de Gaviões de Penacho. Participaram das operações oficiais da Força Pública e civis. Em 22 ago houve um combate aéreo entre aviões revolucionários e 2 governistas que partiram de Resende em seus encalço, depois dos primeiros haverem atacado tropas em Queluz. Houve trocas de rajadas mas sem que nenhum fosse abatido. (43)

A presença militar no Vale do Paraíba 1932-64

Em 29 nov 1938, 40º aniversário da morte do Marechal Floriano Peixoto na Fazenda Paraíso (em Floriano atual), em Barra Mansa e ano do centenário de sua morte, o presidente Vargas lançou a pedra fundamental da AMAN, um objetivo da Revolução de 30, local escolhido em 1931 pelo cel José Pessoa e prometida pelo presidente em 16 jul 1932 no QG do Destacamento do Exército do Leste na estação Ferroviária de Resende. Em 1ºmar 1944, aniversário do término da Guerra do Paraguai, começou a funcionar a AMAN que já completou

Ativa do Exército é dela egressa (44). O Vale teve destacada participação na FEB através do 6º RI de Caçapava. Três Rios serviu de base para o adestramento final do 9º BE Cmb que integrou a FEB. Ao fmal da guerra, Valença passou a sediar intrépido Esquadrão de Cavalaria Mecanizado Ten Amaro (45). O mais graduado veterano brasileiro nesta guerra presente nas comemorações em Londres do cinquentenário do Dia da Vitória foi o valeparaibano de Valença gen. Ex. Paulo Campos Paiva. (46). O Vale foi o maior beneficiário da cessão das bases aéreas brasileiras de Belém e Natal aos Aliados por ter sido escolhido para sediar a Companhia Siderúrgica Nacional, compensação pela cessão temporária das bases vitais para os EUA apoiarem a conquista da África do Norte, Sicília, Europa e Oriente Médio aos nazistas. Usina coDstruída sob a orientação de um grande engenheiro militar o então ccl Edmundo Macedo Soares (47). Usina que para a sua melhor proteção atraiu para Barra Mansa uma unidade de Infantaria Blindada que depois de cerca de meio século ali foi deslocada para o Norte do Brasil. De 1954- 64 várias agitações político militares ocorridas não perturbaram a segurança do Vale do Paraíba.

O Vale do Paraíba na Contra Revolução de 1964

A decisão da vitória na Revolução de 31 março 1964 teve por cenário o Vale do Paraíba. Foi de Juiz de Fora. QG do valeparaibano de Santo Antônio de' Pádua, marechal Odylio Denys, que teve início o movimento e, sobre a ponte do Paraibuna confraternizaram os revolucionários com os integrantes do Regimento Sampaio mandados do Rio para conter os seus avanços e que aderiram ao marechal Denys. (48) Em Resende o comandante da AMAN, general Médici, (49) bloqueou a Dutra com cadetes e aderiu ao movimento liderado no Rio pelo gen Costa e Silva. Recusou substituir os cadetes por tropas do II Exército na certeza de que tropas do 1 Exército, em deslocamento contra o II Exército, não teriam coragem de atirar sobre os cadetes. Sua previsão confirmou-se! E as tropas vindas do Rio colocaram-se às ordens do comandante da AMAN aderindo à Revolução. (50) Mais uma vez o Vale foi poupado de um confronto de consequências imprevisíveis e Resende confirmou sua importância estratégica evidenciada nas revoluções de 1842 e 1932, como uma espécie de Barreira de Resende, a semelhança da histórica Barreira de Itararé. Esta circunstância geo-histórica militar ressalta ainda mais no futuro a importância de Resende no centro do mega-

eixo Rio-São Paulo e, da AMAN, cuja localização pelo marechal José Pessoa o seu idealizador, assessorado pelo geopolítico cap Mário Travassos e seu 1º comandante, obedeceu a critérios de Geopolítica. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação das justificativas da escolha do local, no que tange a sua posição privilegiada que ensejou no passado, depois da Revolução de 1842, a tentativa de transformar Resende em capital de uma Província a ser criada com municípios fluminenses, mineiros e paulistas que a rodeiam e com um porto marítimo em Angra dos Reis. (51) Hoje o Vale é sede de importantes instalações de ensino militar e, indústrias estratégicas civis e militares de grande projeção no Poder Nacional, cuja segurança a cada dia que passa se torna mais prioritária por se localizarem historicamente no coração geopolítico do Brasil.

(x) O autor é fundador e presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, 3º vice presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos, sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e também sócio dos institutos históricos e geográficos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, estados com jurisdição sobre áreas do Vale do Rio Paraíba do Sul e é membro acadêmico das academias Resendense e Itatiaense de História que fundou e presidiu das quais é presidente Emérito É sócio de várias outras entidades históricas não ligadas a área do Paraíba do Sul e inclusive da Academia Portuguesa da História.
End. Rua Florença 266, Bairro Jardim das Rosas Itatiaia-RJ CEP 27580-000.

Notas ao texto

- 1 - Do autor, **História da 3ª RM 1808-1995 e Antecedentes..** Palegre, SENAI, 1995. v.I, p. 60-61.
- 2 - Do autor, História do 4º BE Cmb. **Revista do Exército.** v. 12, 1985, jul/set, p. 16-19.
- 3 - Do autor, **A participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial.** V. Redonda, Gazetilha, 1994 (Patrocínio da Odebrecht).
- 4 - Vide Anais da Academia Itatiaense de História, livro 1, Discurso de posse do autor na cadeira Barão Homen de Mello.
- 5 - Do autor, **1995-Jubileu de ouro da AMAN em Resende** V. Redonda, 1994.
- 6 - Vide Levanére-Wanderley. **História da FAB,** Rio, MA, 1975. 2 ed. p. 314-316
- 7 - Ver de Genino Jorge Cosendey. A Brigada de Aviação em Taubaté. **Revista do Exército** nº 2/Abril/Jun 1992 pp. 58-59.
- 8 - HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Rio, Estado Maior do Exército, 1972. v.I (Bandeiras).
- 9- De Paulo Pereira Reis, **O Caminho Novo de Piedade (Lorena) no NE da Capitania de São Paulo.** São Paulo, CEC, 195? (No Governo de Laudo Natel). p. 29-31.
- 10 - Idem nota anter p.. 36-37.
- 12 - idem nota 5.
- 13 - De Edilberto Meilo. **Raízes do Militarismo Paulista.** São Paulo, Imprensa Oficial, 1982.
- 14 - Do autor, A participação de São Paulo e do Paraná na Restauração do Rio Grande do Sul 1774-77. **Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense.** Curitiba, 1978,. 14, p. 77-104. (Dá a organização militar de São Paulo 1775).
- 15 - Do autor, **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende,** Rio de Janeiro, SENAI, 1991. e
- Os Paris do Vale do Paraíba Paulista e Fluminense.** V. Redonda, Gazetilha, 1995) Lançado no XII Simpósio de História do IEV.
- 16 - Com apoio na óp. cit. na nota 9.
- 17 - De Celina Maria Whately. **O café em Resende no século XIX,** Rio, Ed. José

Olímpio.1987.

- 18 - Do autor o álbum, **Escolas de Formação de oficiais das Forças Armadas Brasileiras**. Rio, FHE-POUPEX, 1987 e, na **RIHGB**, v. 375, abr/jun 1992, biografia do Conde de Resende em número alusivo ao bicentenário do martírio de Tiradentes.
- 19 - Do autor, Resende um pouco de História. **Revista do Exército Brasileiro**. v. 129(2), 1992, out/dez, pp.53-54. (Trapeirismo).
- 20 - Com apoio na op. cit. na nota 9, p. 163-164.
- 21 - Do autor, O Exército e a Abolição pensamento e ação. **A Defesa Nacional**, 738, jul/ago/1988.
- 22 - De Aluizio de Almeida. **A Revolução Liberal de 1842**. Rio de Jan, 1944 e do autor, **A Revolução de 1842 no Vale do Paraíba (A revolta de Silveiras)**. V. Redonda, Gazetilha, 1993. (lançado no XI Simpósio de História do 1EV em Paraíba do Sul).
- 23 - Do autor, O sesqui da pacificação de São Paulo e Minas Gerais e a Revolução de 1842 no Vale do Paraíba in: **Revista de Estudos Universitários**. v. 19, 1 dez 1993. Fundação D. Aguirre Sorocaba-SP, pp 303-318 e outros enfoques sobre a Revolução de 1842.
- 24 - Com apoio na op.cit. nota 8,v. 1 e mapas pp, 493, 495 e 500 e de Aluizio de Almeida **A Revolução Liberal de 1842**, Rio, 1944.
- 25 - De Jeanne Berrance de Castro. **A milícia cidadã - A Guarda Nacional 1831-50**. Brasileira v.359. pp.220-222. (Muito bom).
- 26 - De Joaquim Maia. Voluntários da Pátria resendenses na Guerra do Paraguai. **Revista Cavalaria**. Especial, 1979, pp.36-40. (Comemorativa centenário de morte do gen Osório, em Resende).
- 27- Do autor, Centenário de morte do Duque de Caxias, **Jornal do Comércio**, Rio, 7 maio 1980, no **Letras em Marcha**, 97 e 107, 1979 e 1980, na **Revista Agulhas Negras da AMAN, 1980** e na **Voz da Cidade**, Barra Mansa, maio 1980 e na **RIHGB** v. 338, 1983.
- 28 - Do autor, O Espadim de Caxias - simbolismo. **Revista do Exército Brasileiro** .v, 114, 1978 e na **RIHGB**, v. 326, jan/mar, pp. 90-109 1980, **Jornal Agulhas Negras - AMAN** ago 1978 e **Letras em Marcha**, ago 1978 (encarte especial).
- 29 - Do autor, A Participação de São Paulo no combate a Guerra Civil 1893-95 e a Revolta na Armada 1893-94. **A Defesa Nacional**, 769, jul/set 1995 pp. 119-140, e na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo** 1994.
- 30 - Do autor, A Morte do Marechal Floriano Peixoto na Fazenda Paraíso, em Barra Mansa, **A Voz da Cidade**, Barra Mansa 29 jun 1995 e na **Defesa Nacional** e **RIHGB** no prelo etc.
- 31 - Idem op. cit. na nota 8, v.2,Revolução de 1924.
- 32 - Idem op. cit. na nota 1, v.2, pp. 275-278.
- 33 - Do autor, Gen Augusto Tasso Fragoso. **A Defesa Nacional**, 750, out/dez 1990, pp. 105-117.
- 34 - Idem op. cit, na nota 5.
- 35 - Do autor, Centenário do gen Bertoldo Klinger. **A Defesa Nacional**, 711, fev/mar 1984, pp.S-16.
- 36 - Focalizado em Perfis Parlamentares pela Câmara Federal.
- 37 - Do autor, **Comando Militar do Sul-4 décadas de História e Antecedentes**. Palegre, Ed. Palloti, 1995. pp.59-62.
- 38 - O Campo de Aviação legalista foi no Campo de Paradas atual da AMAN, do lado esquerdo de quem entra pelo portão monumental e se estendia da via Dutra até o Alambari que passava pelo atual Estádio Mark Clark até ser retificado. O hangar ficava na altura a
- esquerda do portão monumental. Resende foi alvo na noite de 13 de agosto do primeiro bombardeio aéreo noturno na América Latina por avião rebelde que partiu de Lorena que no dia seguinte em represália foi alvo seu campo de bombardeio por 7 aviões governistas (Fonte INCAER)

- 39 - Do autor, A Revolução de 1932-operações militares. **A Defesa Nacional** . 760, abri jun 1993, pp 101 - 112 e **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo** 1992.
- 40 - Do autor, A falsa Ala do Clube Militar, **Jornal do Comércio**, Rio, 23 mar 1989 (síntese biográfica cel Asdrubal Gweir de Azevedo).
- 41 - Idem nota 39
- 42 - Idem op. cit. nota 6 , pp. 116-1 17.
- 43 - Idem nota anterior pp. 122 - 44 - Idem op. cit. nota 5.
- 45 - Idem op. cit nota 3 (indicações).
- 46 - Idem op. cit. na nota 37 ,pp. 18-184
- 47 - Do **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** 1930-83. Rio, CPDOC-FGV, 1983. v.4, pp. 322 1-3225.
- 48 - De Chermont de Brito. **Marechal Odylio Denys-uma vida inenitável**. - Rio, Francisco Alves, 1986 . pp. 221-253.
- 49 - Vide op. cit. nota 36 ,pp. 81-82 (Síntese biográfica Médici).
- 50 - BI AMAN 24 abr e aditamentos 16 (AMAN e a Revolução).

Em tempo: A idéia da Fábrica de Pólvora sem Fumaça de Piquete surgida em 1901, é o marco da presença do Exército no Vale do Paraíba, no contexto da Reforma Militar do Exército 1898-1945, iniciada pela Ministro da Guerra, o gaúcho de Bagé, mal João Nepomuceno Medeiros Mallet, filho de Emílio Luiz Mallet, patrono da Arma de Artilharia do Exército. A idéia atraiu para a área o 12º Batalhão de Caçadores de Rio Grande-RS, em 1902, que se transformou pela Reforma do Exército do Mal Hermes da Fonseca de 1808 em 53º BC de Lorena e em 1919 em 5º BC até 1925. Portanto Lorena foi a pioneira no Vale a abrigar uma unidade do Exército. As escolhas do local da Fábrica em Piquete e do Sanatório Militar em Lavrinhas, no alto da da Mantiqueira foi feito pessoalmente pelo Ministro Mal Mallet (filho). O 12º BC acantonou na Fazenda Amarela de propriedade da mãe do barão da Bocaina onde também esteve, em 1918, antes de ir para Itajubá o atual 4º BE Cmb que comandamos em 1981-82. A Fábrica e o Sanatório Militar de Lavrinhas (cujas ruínas conheci ao inspecionar em 1982 a Fazenda da Onça que passara a responsabilidade do meu Batalhão) foram construídas de 1902-07 inclusive o ramal ferroviário Lorena-Piquete cuja direção coube ao gen Belarmino Mendonça, filho de Barra Mansa e que o estudamos em **História da 3ª Região Militar 1889-1953** (Palegre, 3 RM, 1995.v.2p.230-31) A pólvora sem fumaça inventada em 1886, começou a ser fabricada no Brasil cerca de 20 anos mais tarde e, segundo Antonio Carlos Chaves em "Os primeiros estudos para escolha de local para a fundação de uma fábrica de pólvora sem fumaça". **Boletim do IEV** jan/fev 1996, ela teve imensa projeção na Segurança do Brasil que se livrou de dependência externa neste estratégico item bélico.

O Autor e sua Obra em 1996

CLÁUDIO MOREIRA BENTO é historiador militar membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Academia Brasileira de História, Academia Portuguesa de História e entidades congêneres dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará e das cidades do Rio de Janeiro, Pelotas, São Leopoldo, São Luiz Gonzaga e Canguçu - RS, de Itajubá - MG, Sorocaba - SP, Resende e Itatiaia - RJ. Preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e integra, além, no Rio de Janeiro, a Sociedade Geográfica Brasileira e os Institutos Bolivariano, dos Centenários, Histórico Brasil - Peru, Marechal Ramon Castilha e o Instituto de Estudos Valeparaibanos. Pbssui o curso de Pesquisador das Forças Terrestres Brasileiras pelo Estado-Maior do Exército. Coordenou em 1970 - 71 a construção do parque Histórico

Nacional dos Guararapes. Integrou a Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército, 1971 - 74, que teve a seu cargo o projeto de coordenação e edição da História do Exército Brasileiro, comemorativa do Sesquicentenário da Independência, cabendo-lhe, também, como historiador convidado, redigir o capítulo referente às guerras holandesas. Presidiu comissão da Revista do Exército evocativa do bicentenário do Forte de Coimbra e a que estudou a criação do Museu do Exército no Forte de Copacabana. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, 1978 - 80, quando teve editado pelo EME, sob a forma de manual, o livro Como estudar e pesquisar a História do Exército. Ali integrou comissões evocativas dos centenários de Ilhéus de Duque de Caxias e Marechal Osório e da elaboração dos livros textos História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil, com recursos do EME. Foi premiado com concursos literários com os seguintes trabalhos: O gaúcho fundador da Imprensa **Brasileira (1974), pela Associação Riograndense de Imprensa e Assembléia Legislativa do RGS; O Negro na Sociedade do RGS** e Estrangeiros e descendentes a História Militar do RGS (1975-76), pelo Estado do Rio Grande do Sul; A produção de Estimadas (1975), pela EsNI; O Exército Brasileiro e o Desenvolvimento (1988), pela Military Review do Exército dos EUA e O Exército e a Abolição (1988) e O Exército na Proclamação da República (1989), pela Diretoria de Assuntos Culturais do Exército (DACED), publicado pelo SENAI-RJ e lançado na ECEME.

É autor de 33 obras entre livros, plaquetas e álbuns, além de quase 800 artigos sobre a História Militar do Brasil e de suas Forças Armadas e, em especial, a do Exército Brasileiro, em periódicos civis e militares, nacionais e estrangeiros. No conjunto de seus trabalhos publicados, registram-se **As Batalhas de Guararilpes, Recife**, (UFPE, 1971, 2v); A grande festa dos lanceiros (LJFPE, 1971, onde focaliza a inauguração do Parque Histórico mal. Osório); **Simbolos do RGS** (Recife, UFRPE, 1971); **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (Palegre, IEL, 1975); O Negro na Sociedade do RGS (Palegre, IEL, 1975), Como estudar e pesquisar a História do Exército (Brasília, EME-EGCCF, 1978); Canguçu reencontro com a História (Palegre, IEL, 1978); A História do Brasil através de seus fortes (Palegre, GBOEx, 1982); Escolas de formação de oficiais das FFAA (Rio, FHE-POUPEX, 1988); A Guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da República (Rio, SENAI, 1980); Amor Febril - memória da canção militar brasileira (Palegre, GBOEx, 1990) e plaquetas Centenário do término da Guerra do Paraguai (Maceió, Trib. Contas, 1972); Tradição e Disciplina (Fortaleza, EFCE, 1971); A Conquista da Amazônia (Rio, DNF, 1972); O Libertador do Acre (Belém, SUDAM, 1973); Sesquicentenário da PMSP (São Paulo, PMSP, 1981); O Cérebro da Revolução Farrapilha (Itajubá, EFEI, 1981); Síntese Histórica do 4º BECmb (Itajubá 1981); Sesquicentenário do combate de Rio Pardo (Rio, MONASA, 1981); Centenário de Conrado Ernani Bento (Canguçu 1988); Porto Alegre - Sítios farrapos e administração de Caxias (Brasília, ECGCF, 1989); O Exército Farrapos e os seus chefes (Rio, BIBLIEX, 1992, 2v.); A Saga da Santa Casa de Resende (Rio, SENAI, 1992) e O Jubileu da AMAN em Resende (Volta Redonda, Gazetilha, 1994). História da 3ª RM 1809 - 1953 e Antecedentes 2v, 1995 pela 3ª RM; Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil 1988, pela FHE-POUPEX; Participação das Forças Armadas do Brasil na II GM, 1995, patrocínio da Odebrecht; Canguçu síntese histórica 1991 e Real Fitoria do Linhocãhano do Rincão do Canguçu 1783 - 89, 1992 pela Prefeitura de Canguçu (Administração prefeito Nelson Edi Grigolieti); Os Paris do Vale do Paraíba 1995, pela Gazetilha, Volta Redonda; Os 68 sargentos heróis da FEB mortos em Operações de Guerra e a Marinha Mercante na II GM 1995, respectivamente pelo Centro de Recuperação do Exército em Itatiaia e ANVFEB, por iniciativa Dr. Joaquim Xavier da Silveira, veterano da FEB, além de inúmeras pesquisas básicas de História Militar nas revistas **A Defesa Nacional, Revista do Exército, Revista do Clube Militar**, Revistas dos Institutos de Geografia e História Militar do Brasil, Histórico e Geográfico de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, etc. Foi diretor cultural da Revista do Clube Militar no centenário da entidade, em 1977. Nos centenários da República e da Bandeira Nacional integrou comissões do Exército e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemorativos do evento, tendo publicado várias**

matérias e coordenado publicação da obra alusiva ao tema. **Cadernos da Comissão do Exército para as comemorações do centenário da República e da Bandeira** (Rio, BIBLIX - SENAI, 1991). Coronel R-1 QEMA de Engenharia, Turma Asp. Mega, Fev. 1955 é natural & Canguçu - RS. Foi diretor do Arquivo Histórico do Exército (1985 - 1990) Distinções civis: é irmão da Santa Casa do Rio de Janeiro, cidadão honorário da cidade de Itajubá - MG e detentor da comenda J. Simões Lopes Neto, conferida pela cidade de Pelotas - RS, além de outras distinções como transcrições de artigos na Câmara Federal, Assembléia Legislativa de Minas Gerais e Goiás e Câmara de Vereadores de Recife. Fez seus estudos no Aparecida em Canguçu, 1938 - 44; em Pelotas no Gonzaga e Pelotense, 1945 -50. Praça em 27 Jan. 1950 da 3 Cia. Com, em Pelotas. Aluno da EPP' - Porto Alegre, 1951 -52; AMAN 1953 -55; 'fzrma Asp. Mega. Fev. 1955, 6 Cia. Coa. - São Leopoldo 1955-57; 1° BFv - Bento Gonçalves 1957 -59 e 1961 -66; 3 Cia. Cr e 3 BE Comb. - Cachoeira do Sul 1959 - 61; Es Ao 1964; ECEME 1967 - 69; E4 CMNE 1970 - 71; EME - 1971 - 73; DEC 1974; Es NI 1975; EM/CMSE 1976 - — AMAN 1978 - 80; 4° BE Cmb. - Itajubá 1981 - 82; EM/1° RM 1983 - 84; Arqz Histórico do Exército 1985- 90. Em Resende foi diretor cultural da Sociedade Resend de Amigos da AMAN. Sua bibliografia parcial consta das seguintes obras: - **Dicionário bibliográfico historiadores brasileiros**. Rio, IHGB, 1981 v. 1 e **Dicionário bibliográfico gaúcho** (Palegre. Est. Edigal 1991 p.31). Possui ampla hemerografia de interesse da História da 3 a RM e do CMS na sa do Rio Grande do Sul: **Diário Popular** - Pelotas; **Correio do Povo, Zero Hora e O Tradição**, de Porto Alegre, **O Liberal** em Canguçu, Santa Vitória e São Gabriel; **A Platéia e Folha Popular** em Santana; **O Correio do Sul** em Bagé; **Folha de São Borja**; Rio Grande de Rio Grande; **O Timoneiro** em Canoas e nas revistas do IHGRGS, Academia de Letras, Instituto de Filosofia da UFRGS, a **cacimba**, etc.

Vem desenvolvendo o projeto A História do Exército no Rio Grande do Sul e teve aprovado pelo Conselho Editorial da BIBLIX A **guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1874 - 76**, de grande interesse para a História Geral do Rio Grande do Sul. Possui inéditos - Moedas de Honra do Brasil (condecorações civis e militares do Brasil), que foi encomendado pela diretoria anterior do GBOEx e não aproveitado pela atual, e **Os Patronos na Forças Armadas do Brasil**, encomendado pela FHE-POUPEX e esperando ser editado.

Dentre suas condecorações se destacam ainda: Comendador do Mérito Militar; Cavaleiro do Mérito das Forças Armadas; Medalha do Pacificador; Medalha de Honra da Inconfidência, por méritos cívicos, e Medalha de Santos Dumont, por Minas Gerais; Medalha do Mérito Tamandaré, pela Marinha; Medalha Presidente Coruja, pela Associação Sul-Riograndense e Medalha do Sesquicentenário da Polícia Militar de São Paulo, além de inúmeras comemorativas de eventos históricos.

Tem desenvolvido há anos projeto **Ministro da Guerra e do Exército 1808 - Atualidade** à espera de patrocínio.

Integra com 3° o vice presidente do IEV a Comissão Científica do XIII Simpósio de História do Vale do Paraíba encarregado da coordenação das comunicações. Preside a Academia de História Militar Terrestre do Brasil que fundou em Resende-RJ em 1° março 1996, aniversários do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino em Resende na Academia Militar das Agulhas Negras. Academia destinada a desenvolver a História das Forças Terrestres Brasileiras (Forças terrestres do Descobrimento a Independência e daí aos nossos dias o Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias Militares Estaduais). Estudos em 2 dimensões: A primeira a tradicional com vistas a estudá-la para a condução o mais eficiente possível de operações militares dentro da visão do marechal Ferdinand Foch o comandante da vitória aliada na 1ª Guerra Mundial.

“Para alimentar o cérebro de um Exército na paz para melhor, prepará-lo para a eventualidade indesejável de um conflito bélico, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro de História Militar. “

A segunda dimensão refere-se ao estudo da História Militar para prevenir a ocorrência de conflitos bélicos com suas trágicas e lamentáveis consequências por estudar e isolar os fatores que as desencadeiam para serem colocados a serviço das lideranças responsáveis. Hoje tem-se a convicção de que as lideranças brasileiras conhecidos os fatores que desencadearam as guerras Civil 1893-95 e a de Canudos em 1897 elas teriam sido evitadas. É um campo novo relevante a ser explorado em especial por lideranças civis brasileiras. E disto o Barão do Rio Branco deu eloquente exemplo ao conduzir questões delicadas de limites sem o recurso da luta armada mas recorrendo a História Militar para desenvolver poder militar nacional dissuasório compatível para garantir suas boas intenções pacifistas num mundo dominado pela Diplomacia das Canhoneiras.